

Tecnologia e Território no Centro-Norte mineiro: um estudo de caso na região de Montes Claros, MG, Brasil¹

Lucas Bueno^{*2}

² Laboratório de Estudos Interdisciplinares em Arqueologia. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Resumo Desde meados da década de 1970, a região do Centro-Norte mineiro tem sido estudada por diferentes pesquisadores, contribuindo de forma significativa para a construção do conhecimento atualmente disponível a respeito de tecnologia lítica em geral e do processo de ocupação do Planalto Central brasileiro. A fim de contribuir para essa discussão, apresentamos aqui os resultados obtidos através da escavação e análise dos vestígios arqueológicos oriundos de dois abrigos sob-rocha na região de Montes Claros. A partir dos dados apresentados, levantamos algumas hipóteses sobre a dinâmica e o processo de ocupação dessa macro-região, articulando a região de Montes Claros com as regiões Central e Norte de Minas em diferentes períodos ao longo do Holoceno.

Palavras-chave: Tecnologia, Território, Holoceno.

1. Introdução

Desde meados da década de 1970 a região do centro-norte mineiro tem sido estudada por diferentes pesquisadores, contribuindo de forma significativa para a construção do conhecimento atualmente disponível a respeito de tecnologia lítica em geral e do processo de ocupação do planalto central brasileiro. Diferentes pesquisas têm sido realizadas em sítios arqueológicos localizados em áreas próximas a Lagoa Santa, Serra do Cipó/Santana do Riacho, Diamantina, Serra do Cabral, Jequitaiá, Montes Claros, Varzelândia, Vale do Peruaçu, Montalvânia, e Unaí (Figura 1). Nestas áreas os contextos estudados têm apresentado tanto evidências de ocupações mais prolongadas e permanentes, quanto de ocupações intermitentes, marcadas por intervalos de abandono em diferentes momentos do Holoceno (ARAÚJO ET AL, 2003; ARAUJO ET AL, 2005; BRYAN; GRUNN 1978; DIAS JR. 1991; FOGAÇA 2001; KIPNIS 2002; MENEZES 1997; PROUS, 1991; PROUS 1991A; PROUS ET AL, 1996/97; RODET, 2006; SEDA, 1998). No vale do Peruaçu, por exemplo, há sítios que apresentam cronologias contínuas desde o final do Pleistoceno, por volta dos 11.500 anos AP (KIPNIS, 2002), enquanto em Montes Claros e Lagoa Santa (ARAUJO ET AL, 2003) as datas disponíveis se concentram em dois períodos muito bem definidos - entre 8 e 7.000 anos AP e entre 1.200 e 500 anos AP no primeiro caso e entre 10-8.000 AP e 2.000 – 500 anos AP no segundo.

* lucasreisbueno@gmail.com

1. Financiamento CNPq 400425/2008-4.

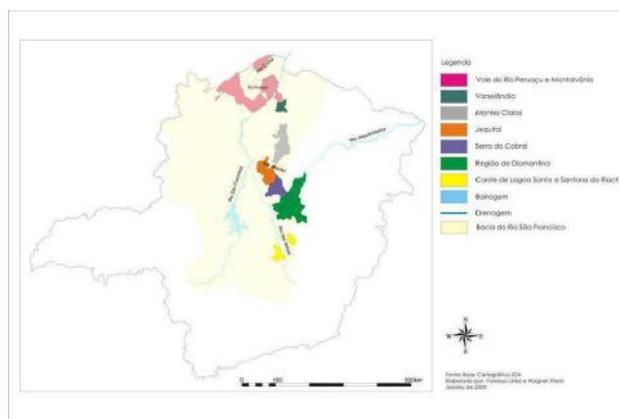


Figura 1. Áreas arqueológicas do Centro-Norte mineiro mencionadas no texto (mapa Vanessa Linke e Wagner Marin).

Esse cenário, com locais de ocupação contínua próximos a outros de ocupação descontínua, retrata um padrão que se generaliza para o Brasil Central numa escala macrorregional. Enquanto as regiões do Lajeado, no Centro-Norte do Tocantins (BUENO, 2007) e a região de Serranópolis, no sudoeste de Goiás (SCHMITZ, 1987; SCHMITZ ET AL, 1989; SCHMITZ ET AL, 2004) apresentam hiatos bem marcados, no Mato Grosso, na região de Rondonópolis a cronologia disponível aponta para uma ocupação contínua desde o final do Pleistoceno (VILHENA-VIALOU, 2005), assim como acontece para a serra da Capivara, no Piauí (GUIDON, 1986). Esses lapsos temporais identificados em diversas porções do Brasil Central constituem o que Araújo

(ARAÚJO ET AL, 2003) define como o “Hiato do Arcaico”, fenômeno que segundo este autor, representa eventos de abandono regional decorrentes do aumento da extensão e intensidade de períodos de seca (ARAÚJO ET AL, 2005/2006, p. 28).

Além dessa variação identificada na cronologia de ocupação de diferentes áreas do Centro-Norte mineiro, essa região apresenta uma intensa diversificação regional com relação ao tipo de matéria prima lítica predominantemente identificada em diferentes contextos arqueológicos. Em Diamantina, por exemplo, predomina a utilização de quartzito (ISNARDIS, 2009); na região de Varzelândia há uma utilização quase exclusiva do sílex (MENEZES, 1997); no vale do rio Peruaçu praticamente todos os tipos de matéria prima lítica disponíveis estão presentes nos abrigos (FOGAÇA, 2001; RODET, 2006); em Montes Claros também predomina o sílex, aparecendo com baixa intensidade quartzo, quartzito e calcário (BRYAN; GRUHN 1978; BUENO ET AL, 2008). Embora em todas essas regiões o quartzo seja um elemento constante dos conjuntos líticos, raramente chega a predominar sobre as demais matérias primas, como acontece, por exemplo, em áreas da região central de Minas Gerais, como Lagoa Santa e Santana do Riacho (PROUS 1991; PROUS 1991A) ou ainda em áreas que se localizam numa faixa de transição entre cerrado e Floresta Amazônica, como é o caso da Serra das Andorinhas (KERN ET AL, 1992) e da Serra dos Carajás (HILBERT, 1993; MAGALHÃES, 2005).

Ainda um aspecto que deve ser destacado para essa região diz respeito às diferenças relacionadas aos registros rupestres. Enquanto os registros associados ao que se denomina Tradição Planalto aparecem de forma intensa nos sítios arqueológicos mais próximos à região central de Minas Gerais, como Lagoa Santa, Serra do Cipó, Diamantina e Serra do Cabral (ISNARDIS, 2009; LINKE, 2007; PROUS, 1991; PROUS, 1991A; PROUS ET AL, 2003; SEDA, 1998), nos sítios localizados na região Norte predominam diversos momentos da Tradição São Francisco (ISNARDIS, 2004; PROUS 1991A, PROUS, RIBEIRO 1996/1997; RIBEIRO, 2006).

Essa diversidade levanta uma série de questões, que para serem encaminhadas demandam uma re-orientação das pesquisas no sentido de trazer para o foco do debate a questão da compreensão das escolhas culturais efetuadas pelos diferentes grupos que habitaram essa região. Quais foram as escolhas que orientaram a implementação de determinadas estratégias de apropriação, uso, circulação e descarte das matérias primas líticas? Quais locais foram selecionados para serem pintados, quais suas características estruturais em termos de organização do espaço interno e inserção na paisagem? Como se constroem/construíram os espaços ocupados nestas duas escalas, intra e inter-sítios? Para encaminhar essa discussão dois conceitos são fundamentais: Tecnologia e Território.

2. Tecnologia e Território: o significado da variabilidade artefactual em contexto

Para encaminhar a discussão acerca da variabilidade artefactual no registro arqueológico exploramos duas das concepções atualmente disponíveis para pensarmos o que é e o que significa tecnologia no âmbito da disciplina arqueológica. A concepção de tecnologia é fundamental para se investigar os aspectos relacionados à variabilidade artefactual, pois dela depende a definição da gama de fatores que serão elencados como possíveis vetores dessa variabilidade.

A concepção atualmente mais divulgada, que caracteriza o senso comum, associa tecnologia à aplicação do conhecimento científico numa tentativa de controle da natureza, sendo responsável por promover o progresso da humanidade, e foi definida por Pfaffenberger (1992) como *Visão Standard de Tecnologia* (PFAFFENBERGER, 1992). Outra concepção considera a tecnologia como um corpo de conhecimentos, práticas, ações, e utensílios, inseridos em uma matriz social e, portanto, em relações de produção que envolvem processos de negociação de poder e de identidade, interagindo assim ativamente na construção do universo simbólico dos grupos humanos que a produzem; esta vertente é conhecida como *Antropologia da Tecnologia* (LEMONIER, 1986; 1992).

Amplamente divulgada nos estudos sobre caçadores-coletores, a *Visão Standard de Tecnologia* enfatiza, como principais vetores de variabilidade, fatores externos à organização social e simbólica dos grupos culturais. No caso das indústrias líticas, esses fatores envolvem, entre outros, qualidade, distribuição e disponibilidade de matéria prima, função, frequência de utilização e vida útil dos artefatos. Associados a contextos regionais, a maioria dos trabalhos que adotam essa perspectiva procuram articular a variabilidade artefactual (tanto em termos de forma, quanto composição e frequência) à configuração dos recursos naturais e às formas de uso e ocupação do espaço, empregando uma visão adaptativa da relação homem-meio ambiente.

Já a *Antropologia da Tecnologia* está mais voltada para estudos micro-regionais, envolvendo na maior parte dos casos, análises a respeito das cadeias operatórias de produção de conjuntos artefatuais em contextos intra-sítio. Ao invés das formas de uso e ocupação do espaço e da relação entre conjunto artefactual e distribuição dos recursos, a variabilidade está relacionada a questões de divisão do trabalho, relações de gênero e identidade étnica e individual. Esses aspectos, por sua vez, estão diretamente relacionados ao fato de que o processo de produção e utilização dos artefatos envolve escolhas culturalmente significativas e, portanto, toda e qualquer etapa desse processo é carregada de significado social e simbólico. São ainda poucos os trabalhos que empregam essa perspectiva no estudo de caçadores-coletores, embora haja alguns que se preocupem especificamente com essas questões no que concerne à variabilidade dos conjuntos de artefatos ósseos e líticos (DOBRES 1996; 2000; SINCLAIR, 1995).

Com base na questão das escolhas e da multiplicidade de razões que as orientam, propomos uma complementaridade

entre essas perspectivas, melhor representada pela *Teoria do Design* tal qual exposta por Schiffer e Skibo (1997). É com base nas propostas oferecidas por esses autores que pretendemos investigar a natureza das escolhas envolvidas no processo de produção da cultura material. Ao adotar essa postura, compartilhamos da idéia desses autores a respeito da insuficiência e inadequação do debate a respeito da relação estilo X função, uma vez que simplifica e esconde a imensa gama de possibilidades envolvidas em cada escolha, polarizando o debate em torno do significado das escolhas ao invés de enfatizar as suas razões e motivos, que constituem o ponto principal na geração da variabilidade formal dos artefatos e conjuntos artefatuais encontrados no registro arqueológico. Ao enfatizar a multiplicidade de razões relacionadas a cada escolha a proposta de Schiffer e Skibo (SCHIFFER; SKIBO, 1997) abre espaço para definirmos os conjuntos em termos contextuais, com, por exemplo, algumas escolhas relacionadas mais diretamente a aspectos adaptativos e outras relacionadas diretamente a questões de identidade social e negociação de poder, proposta esta semelhante à apresentada por Hayden et al (1996) e Torrence (2001).

Apesar de muito mencionado e utilizado, o termo Território apresenta pouco consenso com relação ao seu significado (KELLY, 1995; ZEDEÑO, 1997). Inicialmente atrelado às abordagens de padrões de assentamento da década de 1960 o conceito de território tem sofrido uma série de alterações na direção de incorporar significados distintos e envolver a participação efetiva dos indivíduos que percebem e se apropriam do espaço numa ação criativa contínua (KNAPP; ASHMORE, 1999). Essa nova percepção ou proposição a respeito do conceito de território está atrelada às discussões mais recentes sobre cultura material no sentido de incorporar aspectos práticos e simbólicos no processo de significação e percepção do espaço (STARK, 1998; INGOLD, 2000). Escolher uma determinada matéria prima, identificar sua fonte, obter e transportar o material não são apenas questões de minimização de riscos ou maximização do fluxo de energia, mas atividades que incorporam também o significado da matéria prima e do local em que ela se encontra, interferindo inclusive na acessibilidade da fonte (BRADLEY, 2008; STARK, 1999). O mesmo pode ser dito para as questões relativas aos padrões de descarte, seja em termos espaciais, quantitativos ou relacionais, os quais passam necessariamente por questões relativas ao ciclo de mobilidade, como por exemplo, frequência, previsibilidade, periodicidade de retorno e razões do abandono.

Assim, as atividades relacionadas à organização da tecnologia lítica não ocorrem em um espaço composto apenas por recursos com distribuição diferenciada (NELSON, 1991), mas em um espaço culturalmente construído, que participa de forma ativa nas decisões a respeito das escolhas tecnológicas que embasam as estratégias adotadas para obter e gerir o conjunto de implementos líticos (PERLÉS, 1992). Esse espaço, composto por seres e coisas, é o que entendemos por território, enquanto a forma de interação que se estabelece entre os grupos e este espaço seria então a territorialidade. Essa proposta se baseia na definição de Zedeño (ZEDEÑO

2008, P. 211), para quem Território pode ser visto “como um agregado de objetos (terra + recursos naturais + modificações humanas) e territorialidade como a soma de ações e emoções relacionadas a um espaço específico, com ênfase na influência, controle e acesso diferencial”.

3. Arqueologia Pré-histórica de Montes Claros, MG – Histórico e Potencial

A região de Montes Claros foi alvo de intervenções pontuais ao longo do século XX, realizadas tanto por amadores quanto por profissionais associados a diferentes instituições. Apesar desse caráter intermitente e localizado das intervenções, os resultados apontaram sempre para um alto potencial arqueológico da região.

Na década de 1950 intervenções realizadas na Lapa Pintada por amadores da cidade de Montes Claros resultaram na exumação de cerca de 14 esqueletos, além de grande quantidade de material lítico. Nos anos 1970 uma equipe composta pelos arqueólogos canadenses Alan Bryan e Ruth Gruhn e por Paulo Junqueira, da UFMG, realizou duas etapas de campo na região (1977 e 1978) durante as quais identificaram cinco sítios, em abrigo e a céu aberto e realizaram intervenções em um deles – a Lapa Pequena. Embora apenas um sítio tenha sido selecionado, há indicações de bom estado de conservação, com presença de vestígios líticos, cerâmico, ossos humanos e de fauna, em pelo menos mais dois dos abrigos visitados. Já nos anos 1980 as intervenções na região foram lideradas pelo grupo de arqueologia do Instituto de Arqueologia Brasileira (IAB), integrando as atividades do PROPEVALE. Essas intervenções resultaram na identificação de dois novos abrigos e envolveram a realização de sondagens em outros dois. Desde a década de 1990 a atuação de um grupo de espeleologia – Espeleogruppo Peter Lund – tem revelado a presença de inúmeros abrigos sob-rocha na região, muitos deles com presença de vestígios arqueológicos em superfície e registros rupestres, contabilizando hoje mais de 20 sítios em abrigo¹. A partir de 2005 uma parte dessa área que comporta grande parte desses abrigos foi decretada Parque Estadual, o que tem contribuído para a preservação e incentivo para a realização de novas pesquisas na região.

4. Arqueologia da Lapa Pequena – estratigrafia, cronologia e processo de ocupação

¹Para uma caracterização mais detalhada do registro arqueológico relacionado aos diferentes momentos da pesquisa na região ver Bueno et al 2008

Como mencionado anteriormente o sítio Lapa Pequena foi alvo de intervenções sistemáticas realizadas por Bryan, Gruhn e Junqueira no final da década de 1970. Os resultados desse trabalho, publicados em 1978 (BRYAN; GRUN 1978; JUNQUEIRA, 1978) trazem informações bastante significativas e detalhadas a respeito da composição do conjunto de vestígios identificados durante a escavação, realizada com um bom controle estratigráfico e contextualizada com a obtenção de oito datações.

A área escavada, com 4m² de superfície, atingiu a profundidade de 3,0m, com presença de material arqueológico até cerca de 2,2m. Na base de uma das quadras realizou-se ainda uma tradagem até 3,65m de profundidade que, apesar de não encontrar nenhum material arqueológico, não atingiu tampouco a base rochosa do abrigo, evidenciando um pacote sedimentar ainda mais espesso e profundo.

N.	Material	Quadra	Nível (cm)	Data AP	N.Lab.
1	Carvão	F2	10-20	530+-100	BIRM 908
3	Carvão	G2	70-80	7590+-100	BIRM 909
5	Carvão (frag coco)	G2	100-110	7600+-130	BIRM 911
6	Carvão	G2	130-140	7530+-120	BIRM 910
7	Carvão	G2	150-160	7400+-150	BIRM 912
8	Carvão	G2	160-170	7030+-100	BIRM 913
9	Carvão	F2	180-190	7800+-160	BIRM914
10	Carvão	G2	200-210	7780+-100	BIRM 915
11	Carvão	F2	220-230	8240+-160	BIRM 868

Tabela 1. Tabela com datas da Lapa Pequena. Adaptada de Bryan e Gruhn 1978:312.

A cronologia obtida com essas datações aponta a princípio para duas questões importantes com relação ao processo de ocupação deste sítio: a) existência de dois momentos de ocupação distintos, intercalados por um longo hiato que corresponde a toda duração do Holoceno médio; b) uma diferença significativa quanto à espessura do pacote sedimentar relacionado às datas disponíveis, com um pacote de 1,60m delimitado por datas que definem um período de 1.200 anos (8.200 – 7.000AP) e um pacote de 0,7m delimitado por datas que definem um período de 7.000 anos. Este segundo ponto é fundamental para a compreensão do processo de formação do abrigo se a ele associamos o fato de que há uma distribuição ininterrupta de vestígios arqueológicos ao longo da estratigrafia, criando uma contradição entre distribuição contínua de vestígios em estratigrafia e hiato cronológico indicado pelas datações. Por outro lado, apesar desta configuração apresentar um problema específico relacionado ao processo de formação deste sítio, esse contexto apresenta semelhanças com relação a outros locais do Brasil Central, podendo ser incluído no mesmo

Foram definidas três zonas estratigráficas distintas com relação aos vestígios materiais, aos fatores naturais de perturbação pós-deposicional e às características do sedimento que as compõem. No entanto, apesar dessas variações o material arqueológico se distribui de forma ininterrupta desde a superfície até os 2,2m de profundidade. Além de abundante material lítico (mais de 14.000 peças coletadas) foram identificados e coletados nesta escavação artefatos em osso, madeira e concha, vestígios faunísticos e botânicos, coprólitos e uma grande quantidade de carvão (BRYAN; GRUHN 1978, P. 315-320, PRANCHAS 2 A 7).

Para datação do abrigo foram utilizados restos carbonizados de madeira e de coquinho oriundos de diferentes níveis estratigráficos, tal como indica tabela publicada por Bryan e Gruhn (BRYAN; GRUHN 1978, p. 312) (Tabela 1).

processo definido por Araújo (ARAÚJO ET AL, 2003) como Hiato do Arcaico.

A partir dos dados gerados por Bryan e Gruhn (BRYAN; GRUHN 1978) e de uma nova análise do material lítico realizada por Bueno (BUENO ET AL, 2008) apresentamos algumas hipóteses a respeito do processo de ocupação deste abrigo, inserindo-o numa dinâmica macro-regional. Essas hipóteses envolvem aspectos como duração da ocupação, quantidade, tipo e intensidade das atividades, variação sazonal e papel do abrigo em um sistema de ocupação regional (BUENO ET AL, 2008).

De acordo com hipótese apresentada por Bueno (Bueno et al 2008), análises quantitativas dos diversos tipos de vestígios encontrados na Lapa Pequena indicam que as camadas mais profundas do abrigo representariam não só o início de sua ocupação, mas também do vale no qual se insere o sítio. Esta ocupação, conforme avança, se intensifica e estabiliza, leva, ao mesmo tempo, a uma ampliação e intensificação do espectro de recursos explorados, sendo que, em alguns casos, isso envolve recursos que apresentam uma variação cíclica.

e atingiu a profundidade máximo de 68cm, enquanto a segunda conta com uma área de 4m² que continua sendo escavada.

A unidade N112L104 corresponde àquela que forneceu a amostra mais diversificada e quantitativamente maior em termos de vestígios líticos. Localiza-se na área central do piso superior do abrigo, cerca de 1,5m distante da parede. Toda essa área central, crescendo para a direção sul do abrigo parece oferecer um local bastante satisfatório para assentamento em termos de visibilidade, acesso, luminosidade e abrigo. Embora não seja ainda totalmente claro, é possível que a parte mais ao sul dessa área corresponda ao local que foi alvo de intervenções de amadores na década de 1950, de onde foram retirados 14 sepultamentos humanos. Essa unidade de escavação apresentou ao menos duas estruturas de combustão bastante nítidas em função da mudança de textura e coloração do sedimento e em função da presença de carvão. A primeira delas abrange os níveis 01 e 02 (entre 10 cm e 15 cm de profundidade) no quadrante NW da unidade, apresenta uma camada bem nítida de cinzas e um formato semi-circular. A segunda começa a aparecer no nível 5 e termina no nível 9, apresenta variações no sedimento, com uma concentração de cinzas no interior e um sedimento mais escuro e consistente em seu entorno, delimitado também por alguns fragmentos de calcário de porte médio. Coletamos carvão de ambas as estruturas e de praticamente todos os níveis escavados e obtivemos uma datação para uma amostra proveniente da base da segunda estrutura (ver tabela 3 adiante).

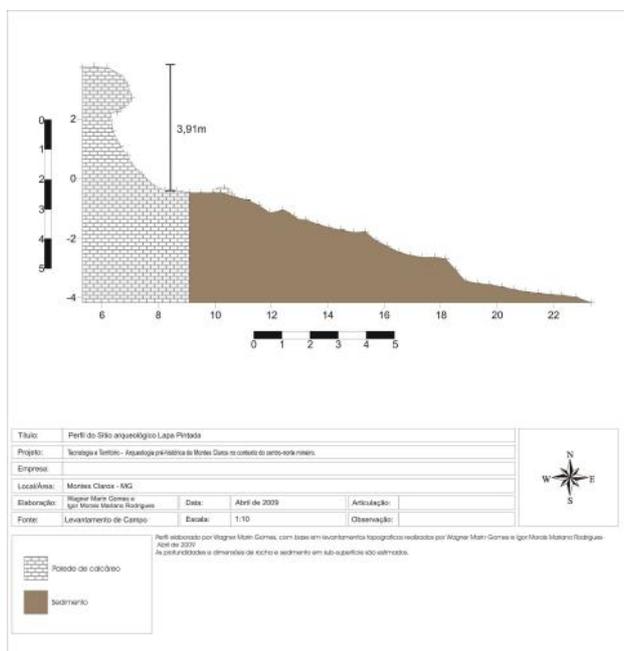


Figura 3. Perfil Topográfico da Lapa Pintada (desenho Wagner Marin)

A outra área alvo de intervenções corresponde ao que denominamos de Estrutura Vegetal 1. Na parte mais íngreme do abrigo, localizada em sua porção NE, onde há uma grande quantidade de blocos de calcário identificamos uma estrutura composta por um conjunto de palha trançada e restos de material vegetal como sementes, coquinhos, gramíneas e

carvão. Essa estrutura estava exposta em função do escorregamento de um grande bloco que se encontrava por cima dela, viabilizando sua identificação principalmente em função da articulação e linearidade dos vestígios de palha e de sua sobreposição por uma fina camada de sedimento cinza pulverulento.

Após uma limpeza inicial do perfil conseguimos caracterizar a composição da estrutura e sua extensão tanto no que diz respeito à espessura quanto comprimento e largura. Após essa exposição desenhamos o perfil da estrutura identificando 13 camadas que agrupadas definiram três conjuntos sobrepostos (Figura 4). Na parte central dessa estrutura coletamos uma amostra de carvão, posteriormente enviada para datação (ver tabela 3 adiante). Conforme mencionaremos adiante, essa estrutura apresenta uma composição que agrega vestígios vegetais domesticados e não domesticados, poucos vestígios líticos e faunísticos, grande quantidade de carvão e inúmeras lentes de um sedimento cinza pulverulento, provavelmente cinzas de fogueira.



Figura 4. Perfil estratigráfico da Estrutura 1.

Completando o conjunto de vestígios oriundos da Lapa Pintada obtivemos recentemente acesso a parte da coleção esquelética retirada do abrigo na década de 1950. A coleção recuperada é composta por fragmentos de sete esqueletos humanos incompletos, predominando os fragmentos de crânio. Desta coleção dois dentes foram selecionados e encaminhados para datação (ver tabela 3 adiante).

6. Os vestígios das Lapas Pintada e Pequena e sua inserção no contexto macro-regional

6.1. Registros rupestres na Lapa Pintada - entre o centro e o Norte mineiro

A Lapa pintada apresenta uma grande quantidade e diversidade de vestígios no que se refere à temática, ao estilo e à localização do registro rupestre identificado. Apesar de não ter sido feito um levantamento sistemático e exaustivo, pode-se estimar em várias centenas o número de figuras. Além destas há também gravuras no abrigo, mas que aparecem em número bastante reduzido e em locais de baixa visibilidade.

Apesar das figuras se distribuírem por diferentes áreas do abrigo, ocupando diferentes tipos de suporte em termos de visibilidade e textura, há uma grande frequência de sobreposições.

Dentre a diversidade representada pelo registro rupestre deste abrigo, podemos identificar conjuntos que se assemelham a diferentes unidades estilísticas propostas para o Brasil Central, tais como a Tradição São Francisco e a Tradição Planalto (ISNARDIS, 2004; PROUS, 1991; PROUS; RIBEIRO, 1996/1997) (Figura 5).

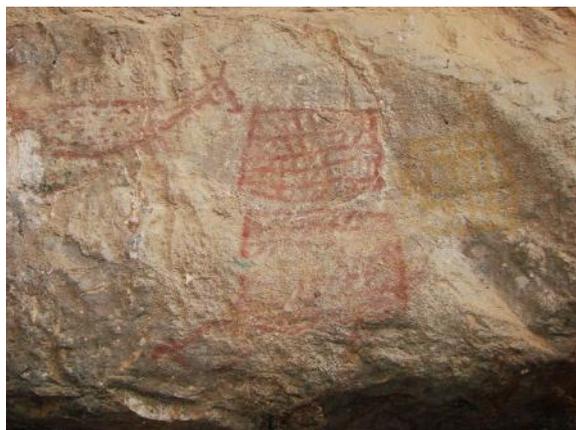


Figura 5. Representações geométricas e zoomorfas na Lapa Pintada que remetem a diferentes Tradições de arte rupestre na Arqueologia Brasileira.

Com relação à Tradição São Francisco há uma série de grafismos geométricos que se distribuem em diferentes locais do abrigo e que aparecem em diferentes momentos nas seqüências de sobreposição identificadas. Apesar dessa distribuição crono-estilística diferenciada, em todas as seqüências identificadas figuras geométricas atribuíveis à Tradição São Francisco aparecem como os conjuntos mais antigos da Lapa.

Outro conjunto presente na Lapa que se destaca dos demais e chama a atenção em função do tamanho e da localização é formado pelas representações zoomorfas. Apesar de haver também uma grande variedade destas, há alguns conjuntos cuja associação entre temática e representação gráfica remete a uma possível associação com a Tradição Planalto, tal como aparece em outras regiões de Minas Gerais (ISNARDIS ET AL, 2006; ISNARDIS; LINKE, 2007; LINKE, 2008; PROUS, 1991; SEDA, 1998) (Figura 6).



Figura 6. Representações rupestres zoomorfas convencionais associadas à Tradição Planalto.

Ainda dentre as representações zoomorfas, se destaca um conjunto de aves com mais de 60 cm de comprimento, formadas por um preenchimento chapado vermelho escuro e contornos alaranjados. Segundo Isnardis e Linke (ISNARDIS; LINKE 2008, p. 5) “Vale destacar que, a despeito da bicromia, há uma notável semelhança, no que se refere aos volumes corporais, postura, espessura e precisão do traço, bem como ao arranjo em seqüência horizontal dos indivíduos, com as representações de aves atribuídas à unidade estilística Piolho de Urubu no Vale do Peruaçu”.

Além das representações já mencionadas há ainda uma série de figuras cuja atribuição ou possível associação com categorias classificatórias já conhecidas não é de todo clara. Certamente a quantidade, diversidade e complexidade de sobreposições evidenciadas nos diferentes painéis que se apresentam no abrigo demandam a realização de estudos intensivos e sistemáticos para que essas associações sejam esclarecidas.

Com essa constituição, a Lapa Pintada se destaca dos demais abrigos dessa área, nos quais os registros rupestres aparecem de forma tênue, com baixa densidade, marcados principalmente por figuras pequenas e temas geométricos.

Este é o caso, por exemplo, da Lapa Pequena onde há um número baixo de figuras e gravuras distribuídos em sete painéis nas paredes do abrigo. Com relação ao tema das pinturas predominam os geométricos, são poucos os zoomorfos e inexistentes representações antropomorfas. A cor predominante é o vermelho, seguido do preto, amarelo e branco. Não há, em nenhum dos painéis identificados, evidências de sobreposição. Apesar dessa baixa densidade é necessária ainda uma documentação exaustiva e sistemática do abrigo, uma vez que as paredes estão cobertas por sedimento e fuligem decorrentes do pisoteio constante por gado durante a ocupação do abrigo como curral (Junqueira 1978, p.329).

Apesar da fragilidade dos dados cronológicos disponíveis atualmente para atribuir esses conjuntos a períodos definidos (ISNARDIS, 2004; 2009; LINKE, 2008; PROUS, 1991; RIBEIRO, 2008) é importante ressaltar que há nesta região evidências de manifestações associadas a duas Tradições vinculadas a regiões distintas, uma no Norte – Tradição São Francisco - e outra no centro – Tradição Planalto - de Minas Gerais (PROUS 1991). Este aspecto aponta ao menos para um aspecto bastante significativo no que diz respeito à inserção do processo de ocupação do abrigo numa perspectiva macro-regional: representados na parede do abrigo e compondo assim o espaço interno do sítio encontramos representações características de diferentes áreas de Minas Gerais, vinculando este processo tanto às ocupações características do centro (Tradição Planalto), quanto do Norte mineiro (Tradição São Francisco).

Nesse sentido, uma série de questões relativas à dinâmica de ocupação dessa região têm sido levantadas para investigar a vinculação dos sítios da região de Montes Claros às demais áreas arqueológicas do Estado de Minas Gerais. Para o encaminhamento dessas questões a discussão a respeito da relação entre manifestações rupestres e construção da paisagem tem assumido um papel cada vez mais importante,

colaborando para os questionamentos acerca da existência e transformação de territórios nessa macro-região ao longo de todo o Holoceno (ISNARDIS, 2009; ISNARDIS ET AL, 2006).

6.2 O material lítico: comparando as amostras da Lapa Pintada e Lapa Pequena

No que se refere à Lapa Pintada a amostra de material lítico provém predominantemente da unidade N112L104. Apesar de pequena, a amostra indica uma possível relação com os vestígios líticos identificados na Lapa Pequena (BUENO ET AL, 2008). Com relação às matérias primas, há certa variedade delas presente na amostra, incluindo sílex, quartzo, quartzito, calcário, hematita e arenito. As duas com maior representatividade são quartzo e sílex, sendo que o sílex chega a representar mais de 70% da coleção. Os vestígios de quartzo, segunda matéria prima melhor representada, aparecem com maior frequência nos níveis mais superficiais, aumentando um pouco a quantidade de vestígios em geral a partir do nível 5² (Figura 7). Dentre as categorias de vestígios predominam as lascas e fragmentos térmicos, sendo poucos os artefatos e núcleos.

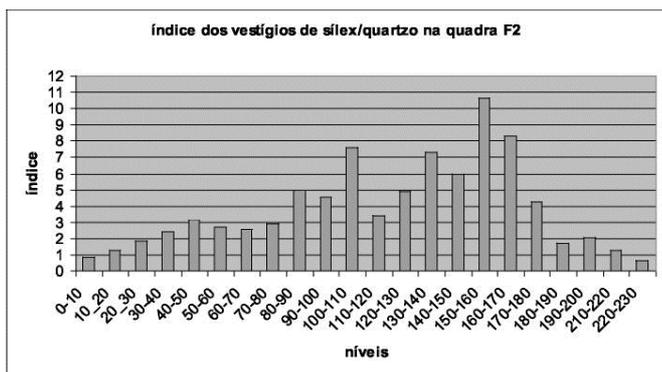


Figura 7. Gráfico com índice de sílex/quartzo na estratigrafia da Lapa pequena

Isso gera uma questão importante, uma vez que até hoje se conhece bem apenas as fontes de quartzo da região. Apesar de Bryan e Gruhn (BRYAN; GRUHN 1978) mencionarem a existência de uma fonte de sílex, esta não pode ainda ser identificada e não há nenhum outro relato sobre a existência desta ou de outra fonte de sílex na área. Áreas relativamente próximas, como o vale do Peruaçu e a região de Varzelândia, já estudadas arqueologicamente apresentam uma ampla distribuição de sílex de cor, textura e qualidade distintas, o que combina com a heterogeneidade do sílex que aparece em ambos os abrigos estudados em Montes Claros.

²Para avaliar a distribuição estratigráfica dos vestígios de sílex e quartzo criamos um índice que indica a proporção de sílex em relação ao quartzo, levando em consideração todas as categorias de vestígios. Quanto maior o índice, maior a proporção de sílex em relação ao quartzo em cada conjunto. Com base **níveis** nos dados do gráfico o único nível em que há mais quartzo do que sílex é o nível 1.

Nas etapas de campo realizadas na região identificamos nódulos de sílex dispersos por vários pontos de meia encosta e fundo de vale. Esses nódulos têm em geral dimensões médias a pequenas, com uma superfície cortical espessa. Não encontramos em nenhum ponto grandes agrupamentos desses nódulos que tendem a aparecer em grupos pequenos. Em função dessas características (tamanhos reduzidos, agrupamentos pequenos, distribuição esparsa e córtex espesso) fontes dessa matéria prima são de difícil reconhecimento. Por outro lado, as fontes de quartzo, incluindo cristais de quartzo hialino de diferentes tamanhos são amplamente reconhecidas e identificadas na região que, em um período recente foi explorada para mineração manual de cristais tal qual ocorre em outras áreas do Norte de Minas Gerais (ISNARDIS, 2009).

Essa articulação entre composição do conjunto lítico do abrigo e disponibilidade das matérias primas líticas gera uma combinação *sui generis*: predominância de matéria prima exógena em um contexto de ampla oferta de matéria prima local e utilização intensa da matéria prima exógena, com alto índice de reaproveitamento e retomada de vestígios quebrados, queimados e descartados sem utilização intensa e formalização seja na produção de artefatos ou na exploração dos núcleos (Figura 8). Com essas características poderíamos dizer que essa é uma indústria ao mesmo tempo expedita e economizante sobre matéria prima exógena, o que contraria uma série de expectativas com relação às estratégias empregadas para produção de conjuntos líticos em sociedades caçadoras-coletoras (Nelson 1991)³

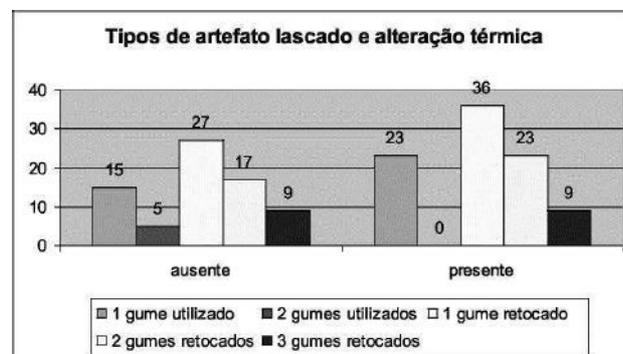


Figura 8. Gráfico com a proporção de artefatos com e sem alterações por alteração

Para discutir essa configuração podemos levantar uma série de questões que partem da seguinte premissa: existência de matéria prima de boa qualidade aliada a uma

³Tradicionalmente comportamentos economizantes, que envolvem uma exploração intensa da matéria prima, são associados à implementação de estratégias de curadoria, com padronização na confecção de artefatos e/ou na exploração dos núcleos. Por outro lado, estratégias expeditas são marcadas pela não estandardização dos produtos e suportes utilizados e por uma exploração não intensiva das matérias primas. Nesse caso, identificamos uma combinação dessas características, com exploração intensiva e não estandardização.

baixa disponibilidade propicia/favorece uma exploração intensa dessa matéria prima até levar ao seu esgotamento. Para operacionalizar esse comportamento a pergunta que se coloca é: qual estratégia adotar para garantir/obter a máxima utilização dessa matéria prima?

Há várias alternativas possíveis que poderiam ser divididas a priori em dois blocos: 1) estratégia de gerenciamento do núcleo, com padronização de sua utilização até o esgotamento; 2) estratégia de gestão dos artefatos, que levaria à produção de artefatos com uma série de evidências de uso, reavivagem, reciclagem e reutilização.

De acordo com as características dos artefatos em termos de número de gumes e evidências de retoque uma estratégia baseada na sua gestão e manutenção parece estar fora de cogitação. Além de não haver nenhum artefato formal na coleção, predominam os artefatos com um único gume (64%) e apresentam alta representatividade (35%) e os artefatos com gumes brutos, sem qualquer evidência de retoque, seja para preparação do gume ou para sua reavivagem (Figura 9).



Figura 9. Proporção de artefatos com relação ao número de gumes e presença de retoques

Com relação aos núcleos há poucos em toda a coleção. Eles são, em geral, pequenos com formato entre triangular e globular com plataformas de lascamento em ao menos 3 direções, sem córtex, com arestas trabalhadas e indicando uma exploração intensiva do sílex. Um aspecto bem característico desses núcleos é a existência de uma insistência evidenciada pela aplicação de pequenos e repetidos golpes no bordo de plataformas abruptas cujo ângulo não favorece a retirada de novas lascas – isso causa o maceramento desses bordos e está presente em praticamente todos esses núcleos e, muitas vezes, pode ser identificada também em arestas presentes na face externa de algumas lascas, mas principalmente em pequenos fragmentos que parecem ser parte de núcleos como estes, mas fragmentados. Apesar de apresentarem inúmeras plataformas sobre suportes de pequenas dimensões, em geral, as retiradas efetuadas a partir de cada plataforma não cruzam as retiradas efetuadas a partir de outras plataformas, ou seja, não parece haver uma preparação de uma plataforma a partir de retiradas efetuadas a partir de outra plataforma (Figura 10). Nesse sentido não há indicações para gerenciamento e exploração da matéria prima, mas sim um aproveitamento expedito das plataformas viáveis, ou em muitos casos, “quase viáveis”, fazendo com que não haja

uma padronização formal dos produtos obtidos⁴, a não ser quanto ao atributo tamanho, uma vez que quase a totalidade das lascas de sílex e quartzo atinge dimensões máximas de 4 cm.

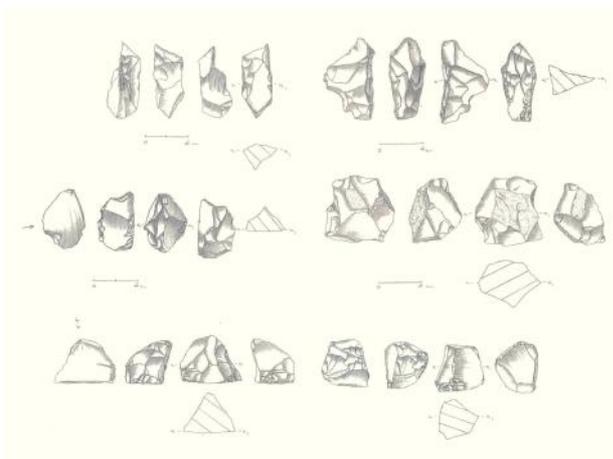


Figura 10. Núcleos e artefatos em sílex da Lapa Pequena

Essa estratégia de exploração do sílex, principalmente, levanta então a seguinte questão: o que exatamente se estava buscando para que mesmo priorizando a maximização na utilização dessa matéria prima não houvesse uma ênfase na padronização? A forma do suporte não é um aspecto relevante? O que dos suportes é relevante? E em qual situação isso acontece?

O que é interessante e diversificado neste caso é que esse comportamento economizante não envolve padronização do processo de produção ou uso intenso de procedimentos específicos para maximizar a utilização da matéria prima, o que poderia envolver, por exemplo, a utilização da técnica bipolar⁵. O que há é um alto índice de reciclagem que não envolve reavivagem (no sentido de refrescamento de gumes), mas sim reaproveitando de itens quebrados e queimados, gerando gumes similares em uma ampla gama de suportes distintos (Figura 11). Neste caso é justamente a ausência de padronização, a falta de uma rigidez quanto à sequência operatória que permite que tudo, ou quase tudo, seja usado como suporte para produção dos artefatos. Há artefatos sobre lascas, sobre fragmentos e sobre núcleos. Quanto às lascas utilizadas como suporte, elas provêm de diferentes etapas e, portanto apresentam características formais distintas, com variações na extensão da superfície cortical, nas dimensões, na presença e quantidade de negativos de retiradas anteriores na face externa. Uma situação que exemplifica essa

⁴Este procedimento de exploração dos núcleos dificulta o reconhecimento e definição da cadeia operatória envolvida na exploração dos suportes em sílex, pois não há sequências definidas, não há lascas recorrentes que indiquem determinadas etapas de exploração desses suportes.

⁵Segundo alguns autores o uso da técnica bipolar pode ser considerado como uma estratégia de maximização para utilização de determinadas matérias primas uma vez que produz grande quantidade de suportes relativamente estandardizados.

ausência de pré-determinação das seqüências operatórias envolve a existência de dois conjuntos de artefatos que apresentam as mesmas características em termos de forma, localização e extensão do gume, mas principalmente, em termos de composição entre partes ativa e passiva, mas que foram produzidos sobre suportes distintos requerendo, portanto, seqüências operatórias diferenciadas.

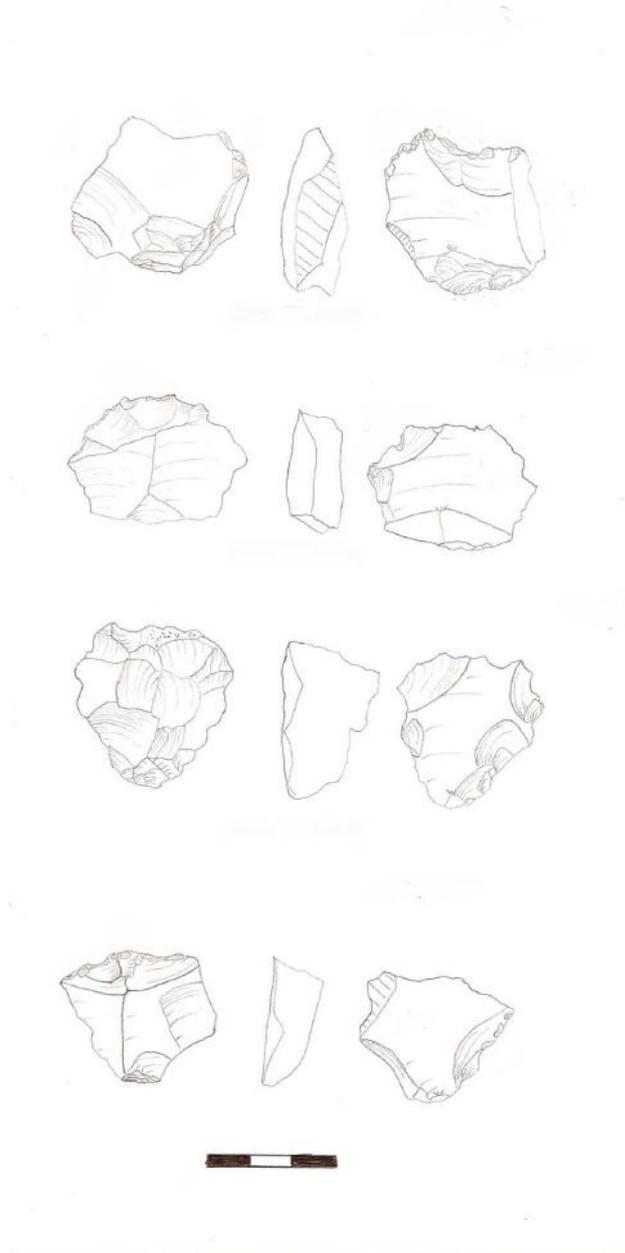


Figura 11. Artefatos em sílex da Lapa Pequena.

Segundo essa perspectiva o que rege a escolha dos suportes é a adequação do volume à articulação entre partes passiva e ativa necessárias para realização de uma determinada atividade, características estas mencionadas já por outros autores para definir o que seriam, por exemplo, artefatos de ocasião (FOGAÇA ET AL, 1997). De acordo com análises métricas, em geral, lascas, núcleos e artefatos têm as mesmas características em termos volumétricos.

Esse procedimento que envolve a aplicação de uma diversidade de seqüências, por sua vez, pode estar relacionado a certa maleabilidade das performances requeridas; são performances cujas restrições formais não são rígidas o suficiente para exigir padronização da seqüência operatória, uma vez que o volume necessário para obtenção dessas performances pode ser obtido através da utilização de diferentes suportes modificados por diferentes seqüências. Neste caso entendemos volume como a articulação necessária entre partes ativa e passiva para que o artefato atinja os requisitos básicos de função e funcionalidade. Quando utilizamos essa composição – função e funcionalidade (SCHIFFER; SKIBO, 1997) – queremos chamar atenção para a distinção entre performances; ou seja, não é simplesmente raspar, mas raspar retirando muito ou pouco material, raspar escavando ou alisando, superfícies amplas ou restritas, de forma homogênea ou não, exigindo precisão e/ou força. Por exemplo, raspar uma madeira para confecção de um barco não é a mesma coisa que raspar a haste de uma flecha ou mesmo raspar o corpo da haste de uma flecha não é a mesma coisa que raspar a extremidade dessa haste para produzir um entalhe no qual será fixada a ponta da flecha. Tanto a forma de preensão, quanto a força, o local de sua aplicação, quanto o efeito produzido são diferentes e envolvem performances e gestos distintos, apesar de certa regularidade quanto à forma e ângulo da parte ativa.

Nesse caso poderíamos dizer que o importante é um gume restrito côncavo e robusto aliado a uma superfície preensiva digital e precisa – no entanto, se o que vai ser utilizado para isso tem como suporte um fragmento, uma lasca mais robusta ou um núcleo, não faz diferença. Por sua vez, qualquer que seja esse suporte, o gume será produzido pela retirada de uma lasca mais larga do que comprida, com parte proximal mais espessa, talão espesso ou em asa, com utilização de percussão dura, enquanto a parte preensiva será definida pela realização de retoques alternantes na parte oposta ao gume. Ou seja, há uma coerência de gestos, mas não de seqüências uma vez que a origem tecnológica do suporte pode ser diversificada.

Como mencionamos, o que parece reger a elaboração dessa indústria lítica é a presença de um conjunto de gestos que são recorrentemente utilizados, é a existência de um repertório de gestos aplicados à transformação dessas matérias primas, mas que não está articulado em seqüências precisas, definidas e aplicadas de forma sistemática. Esses gestos representam um conjunto de conhecimentos e práticas que são utilizados de acordo com a necessidade.

Se compararmos esse procedimento com outras áreas do Brasil Central veremos que se trata de uma característica mais específica, mas, mesmo assim, não local, talvez regional. No Lajeado (BUENO, 2007) ou em Serranópolis (SCHMITZ ET AL, 2004), por exemplo, não há evidências dessa dinâmica nas indústrias associadas ao Holoceno Médio. Já na região de Lagoa Santa, em Santana do Riacho (PROUS, 1991a) e no vale do Peruaçu (FOGAÇA, 2001) há indícios de que o mesmo procedimento esteja sendo utilizado para transformação do quartzo e do sílex nas indústrias do Holoceno Inicial.

Nestes casos, a maximização na utilização de uma matéria prima cujo suporte apresenta em sua maioria pequenas dimensões não passa pelo planejamento e estruturação das sequências a serem aplicadas, mas pelo domínio técnico de exploração da matéria prima que permite a obtenção de suportes das mais variadas formas e a produção de lascas e modificações secundárias nos ângulos e direções mais improváveis. Assim, essa indústria, caracterizada como simples e expedita, envolve uma grande habilidade e domínio técnico por parte dos artesãos que a produziram, estando estruturada segundo uma lógica que, ao invés de guiar-se pelo planejamento, orienta-se pelo aproveitamento, pela oportunidade, tal qual mencionado já para outras indústrias do Norte de Minas Gerais durante o Holoceno Inicial (FOGAÇA, 2001). Essa congruência, que envolve um compartilhamento de gestos, de performances, de restrições de design, enfim de uma lógica específica no processo de apropriação da matéria prima lítica pode ser definida como um Estilo Tecnológico e, portanto, considerada como indicador de interação cultural entre os grupos que produziram conjuntos artefatuais com essas características. Em última instância, eles compartilham não só escolhas, mas as razões, os motivos que as orientaram e ainda a forma pela qual as implementaram. Essa interação, por sua vez, certamente envolve um fluxo de informação e contato, uma vez que tanto observação quanto imitação e recriação são aspectos fundamentais do processo de aprendizagem.

6.3 Estruturas de material vegetal: composição e construção do espaço intra-sítio

Como mencionamos anteriormente a maioria dos vestígios vegetais provêm das unidades de escavação N115L113 e N115L114 da Lapa Pintada, onde identificamos uma grande estrutura composta por palhas trançadas e material vegetal. Até o momento foram identificados diversos tipos de coquinho, sementes, cascas e caules de diferentes espécies, incluindo milho, feijão, pequi e abóbora⁶. No caso do milho encontramos tanto grãos esparsos, quanto espigas, as quais não ultrapassam os 5 cm de comprimento (Figura 12). Além destes vestígios, identificamos fragmentos de diferentes tipos de cordão, alguns fabricados com fibras vegetais outros com algodão, sendo que em um dos casos o cordão está entrelaçado a uma haste e atado com cera de abelha ou alguma espécie de resina (Figura 13). Ainda nesta estrutura encontramos fragmentos de favo de abelha, penas e possíveis coprólitos. Com relação ao carvão, além de haver uma grande quantidade, é

frequente a presença de grandes fragmentos, ainda estruturados, indicando a utilização de diferentes tipos de madeira.



Figura 12. Espiga de milho encontrada na Estrutura 1 da Lapa Pintada.



Figura 13. Artefato encontrado na Estrutura 1 da Lapa Pintada

A continuação da escavação destas unidades nos permitiu verificar a existência de ao menos cinco conjuntos distintos (dois a mais do que supúnhamos inicialmente), parcialmente sobrepostos, com composições semelhantes, mas estruturação distinta. Aquilo que a princípio pareciam estruturas bem articuladas, talvez na forma de silos ou cestas (tais quais as que aparecem na Lapa dos Bichos e na Lapa do Boquete, no vale do Peruaçu), se mostraram conjuntos bem mais frágeis e menos coesos, representados por um agrupamento de distintos materiais vegetais colocados diretamente no local, ou seja, não transportados (Figura 14). Nesse caso, a matriz que segura e articula esses vestígios é o próprio sedimento e não um recipiente construído para conter esses vestígios. Dos cinco conjuntos identificados apenas um se mostrou mais estruturado, o qual foi coletado parcialmente inteiro, pois em função da sobreposição desses conjuntos e da fragilidade do sedimento, optamos por retirá-lo em duas partes separadas.

⁶ O material vegetal coletado está sendo analisado e por enquanto não identificamos as espécies envolvidas. Os vestígios de milho e feijão já foram enviados para análise de DNA.



Figura 14. Detalhe da composição e articulação das camadas da Estrutura 1.

Em meio a esses conjuntos identificamos a presença de estruturas de combustão com a presença de muito carvão e áreas extensas de dispersão de cinzas. Apesar da presença de blocos associados a essas estruturas e da grande quantidade de carvão - que em alguns casos apareceu ainda bastante coeso, definindo a forma do fragmento de madeira queimado - o fato da cinza estar espalhada por uma área extensa, justamente no contato entre conjuntos distintos e de não haver evidências de carbonização intensa dos vestígios vegetais associados a esse conjuntos, parece plausível levantar a hipótese de transporte dos carvões e das cinzas e não de queima *in situ*. Esse parece ser o caso, principalmente do que denominamos como Estrutura de Combustão 2, que aparece em associação a três conjuntos de vestígios vegetais - conjuntos A, C e D.

Para elaboração e construção desses conjuntos foram utilizados procedimentos distintos. Na base do conjunto A é evidente a delimitação de uma fossa, uma área que foi escavada para colocação de sedimento oriundo de outro local, ao qual estava associado o material vegetal (Figura 15). Já o conjunto C foi disposto por sobre a camada de cinzas que recobria o conjunto A e foi recoberto por sedimento e por um conjunto de blocos de tamanho pequeno e médio. O Conjunto B aparece em área contígua aquela onde estão os conjuntos A e C, se sobrepondo a primeira e sendo sobreposto pela segunda em uma área de contato bastante restrita espacialmente. Esse conjunto B foi elaborado sobre uma trama de palhas e cordões que garantiu ao conjunto um bom grau de coesão, mantendo a articulação espacial entre os vestígios. O conjunto D aparece sob os conjuntos C e B,

numa mesma posição estratigráfica que o conjunto A, mas sem contato direto com nenhum dos três, sendo possivelmente contemporâneo a A. Por fim, na base da área escavada aparece em uma das suas extremidades um novo conjunto, denominado E, possivelmente anterior a A, mas também sem manter contato espacial com nenhum dos conjuntos anteriormente mencionado. O conjunto D parece ter sido construído segundo o mesmo procedimento que o conjunto C, enquanto para deposição do conjunto E a hipótese de escavação de uma fossa parece mais plausível.



Figura 15. Detalhe do conjunto A da Estrutura 1.

Além desses cinco conjuntos identificados na área escavada (cuja dimensão são 2x1x0,5m) identificamos no abrigo ao menos mais oito pontos nos quais pode haver conjuntos semelhantes. Em todos eles os vestígios vegetais estão aflorando em superfície. Todos estão localizados na mesma área do abrigo, onde encontramos uma série de blocos de diferentes tamanhos e onde há uma ligeira declividade entrecortada por patamares planos e pouco extensos (ver Figura 2 e 3). Apesar de demandar ainda novas intervenções, trabalhamos atualmente com a hipótese de que esta configuração - sucessão de patamares pouco extensos definindo diferentes níveis intercalados que produzem uma morfologia final que tende a uma ligeira declividade - seja resultado de uma construção intencional do espaço abrigado, produzida pela edificação de estruturas compostas por material vegetal, sedimento e pedras. Essa configuração, por sua vez, mimetiza uma morfologia comum no entorno do sítio, formada pelo escalonamento das escarpas dos afloramentos de calcário, recriando, no espaço interno do sítio a ordenação e estrutura da paisagem regional (Figura 16).



Figura 16 . Configuração do relevo regional no entorno da Lapa Pintada.

Apesar de não dispormos de informações mais detalhadas sobre construção e inserção no sítio, há em outros sítios do Norte mineiro evidências dessa mesma categoria de vestígio, com estruturas compostas por material vegetal que inclui espécies domesticadas e não domesticadas. Em alguns deles, como em Unaí (SENE, 2007) e Diamantina (ISNARDIS, 2009) há uma associação clara com sepultamentos humanos.

Para a Lapa Pintada, apesar de não termos identificado esta associação *in situ*, datas recentemente obtidas por amostras oriundas de sepultamentos exumados nesta mesma Lapa durante a década de 1950, apontam para uma possível contemporaneidade entre ambas as categorias de vestígio (ver tabela 2).

Assim como no caso da arte rupestre e do material lítico, já explorados anteriormente, há características importantes desse contexto que ao mesmo tempo indicam semelhanças e diferenças com relação a outros sítios e contextos do Norte mineiro. A construção de estruturas compostas por diversas espécies vegetais, cultivadas e não cultivadas, na área interna dos abrigos e em possível associação com sepultamentos humanos cria uma interrelação de vestígios e construção do espaço que nos permite levantar hipóteses a respeito do compartilhamento de conhecimentos e informações entre os grupos humanos que ocuparam essas regiões, o que passa pela existência de redes de contato e interação cultural, fundamentais na construção de territórios e definição da territorialidade desses grupos.

6.4 Cronologia das Lapas Pintada e Pequena no âmbito do Cento-Norte mineiro

Conforme mencionado datamos duas amostras de carvão e dois dentes humanos, todos provenientes de vestígios coletados na Lapa Pintada (TABELA 2). Os resultados obtidos apontam para quatro aspectos importantes (TABELA 3): a) contemporaneidade na ocupação da Lapa Pintada e da Lapa Pequena em ambos os períodos de ocupação desses abrigos; b) existência de um longo hiato cronológico na Lapa Pintada já identificado na Lapa Pequena para o Holoceno Médio; c) ampliação da duração da ocupação do período mais recente identificado na Lapa Pequena; d) associação dos vestígios vegetais e esqueléticos na mesma faixa cronológica.

N.	Material	Quadra	Nível (cm)	Data AP	N.Lab.
1	Dente humano	Coleção particular	-	460+-60	Beta 260110
2	Dente humano	Coleção particular	-	820+-40	Beta 260111
3	Carvão	N115L113	Perfil camada 5b	1170+-40	Beta 243215
4	Carvão (frag coco e madeira)	N112L104	8 (45-50)	7000+-70	Beta 243214

Tabela 2. Datas para a Lapa Pintada (Bueno 2008)

Sítio	Período 1		Período 2	
	Inicial	Final	Inicial	Final
Lapa Pequena	8240	7030	530	
Lapa Pintada	7000		1170	460

Tabela 3. Períodos de ocupação da Lapa Pintada e Lapa Pequena

Além destas questões de âmbito local, essa cronologia e os vestígios a ela associados nos permitem estabelecer conexões com outras áreas do centro Norte mineiro. Este é o caso, por exemplo, da ocupação mais recente, que conta com datas semelhantes nas regiões de Diamantina (ISNARDIS, 2009), Unaí (DIAS JR, 1991) e vale do Peruaçu (PROUS ET AL, 1994; 1997) para contextos nos quais há também uma associação entre estruturas vegetais, sepultamentos humanos e ausência ou baixa representatividade de vestígios cerâmicos em abrigos sob-rocha.

Já com relação ao período mais antigo até o momento definido para esta área, um aspecto que chama a atenção é a complementaridade, em termos cronológicos, com áreas do centro mineiro, como Lagoa Santa e Santana do Riacho: o período para o qual temos evidências de uma intensificação da ocupação em Montes Claros (entre 8.200 e 7.000 AP) é também aquele que representa um declínio nestas áreas mencionadas (em Santa do Riacho há um intervalo entre 8.200 e 6.500 e em Lagoa Santa há um declínio acentuado a

partir dos 8.000 anos AP, com poucas datas esparsas pelo Holoceno médio).

Por outro lado, conforme já mencionamos, sítios do vale do Peruaçu apresentam cronologia de ocupação contínua para o Holoceno, embora para o Holoceno Médio haja também evidências de diminuição na frequência de vestígios e referências cronológicas (FOGAÇA, 2001; KIPNIS, 2002; RODET, 2006).

7. Discussão: sobre hiatos e territórios

Os dados disponíveis nos possibilitam levantar algumas questões sobre o processo de ocupação dessa micro-região e sua inserção no contexto do Centro-Norte mineiro.

Com relação à ocupação dessa micro-região a cronologia obtida e os vestígios associados corroboram as hipóteses levantadas a partir da análise dos vestígios da Lapa Pequena (Bueno et al 2008). Uma ocupação relativamente curta, mas intensa da área na

transição do Holoceno Inicial para o Holoceno médio, vinculada a uma exploração do sílex e caracterizada por uma indústria lítica expedita. O conjunto de vestígios associados a estes abrigos e a seqüência estratigráfica das áreas escavadas apresentam fortes indícios de uma ocupação cíclica da região, provavelmente associada a variações sazonais, ao menos nesse primeiro período de ocupação da região. Essa configuração, após atingir um ápice com relação à densidade e diversidade de vestígios, apresenta uma diminuição gradativa ao longo da estratigrafia que, por sua vez, atinge um ponto no qual há uma diminuição significativa na quantidade e diversidade dos vestígios. O intervalo estratigráfico que caracteriza essa distribuição corresponde ao intervalo para o qual não temos datas,

indicando uma ocupação muito fugaz, possivelmente intercalada por longos períodos de abandono. Já nos níveis mais próximos à superfície identificamos a inserção e presença de novos elementos, como recursos vegetais cultivados, tais como o milho, o feijão e o pequi, poucos vestígios de cerâmica e, pelo menos na Lapa Pintada uma nova utilização da área abrigada que inclui a presença de sepultamentos humanos. Essa configuração permanece constante até superfície e a data mais recente disponível indica uma ocupação do abrigo até o período do contato, cerca de 500 anos AP.

A contemporaneidade verificada para ocupação de ambos os sítios, associada à existência de características tecnológicas compartilhadas com relação ao material lítico e às representações rupestres, aliada ainda a determinadas variações com relação ao uso do espaço interno do abrigo nos permite levantar a hipótese de integração destes sítios em um sistema mais amplo de ocupação dessa província cárstica em Montes Claros que, conforme mencionamos engloba mais uma série de sítios em abrigo e a céu aberto. Esse sistema dinâmico de interligação entre diversos locais da paisagem que compõe esta área apresenta ainda um fator que aponta para existência de uma estreita relação entre a percepção da paisagem e construção do espaço interno dos sítios, uma vez que há um processo de mimetização evidenciado pela edificação de patamares sucessivos na área abrigada da Lapa Pintada, reproduzindo uma topografia escalonada produzida pelo dobramento e dessecamento dos maciços calcários que se destacam no cenário regional.

Com isso, a área abrangida por essa província cárstica marca não só um território, composto por recursos e evidências de ocupação humana, mas evidencia também a existência de uma relação intrínseca entre esses elementos, num movimento de (re) conhecimento e construção que definem uma territorialidade particular. No que tange a sua articulação com um contexto mais amplo, englobando as demais áreas já mencionadas para o centro-mineiro, temos nos dois períodos principais de ocupação dessa região evidências de semelhanças e diferenças na composição e articulação dos vestígios materiais.

Conforme indicamos (Bueno 2008) a tecnologia lítica aponta para uma proximidade com relação às ocupações do centro mineiro no Holoceno Inicial, representado pela região de Lagoa Santa e Serra do Cipó. Essa proximidade é sustentada pelo compartilhamento de uma série de aspectos da organização da tecnologia lítica, que passam pelos gestos aplicados e pelas performances selecionadas. Ou seja, não são apenas aspectos morfológicos ou funcionais que viabilizam essa comparação e o estabelecimento de semelhanças, mas as escolhas efetuadas para gerir o conjunto lítico e atingir as performances desejadas.

Os registros rupestres representam outro elemento que indica a existência de possíveis correlações entre os sítios estudados e a região central de Minas Gerais

em função da presença de elementos que reivindicam uma associação à Tradição Planalto. No entanto, para essa categoria de vestígio são claras também as evidências de associação à Tradição São Francisco, predominante na região Norte, principalmente no vale do Peruaçu. Essa configuração gera elementos para pleitearmos uma possível flutuação na rede de conexões que influenciaram o processo de ocupação dos sítios de Montes Claros, ora mais próximo do Norte, ora mais próximo do centro mineiro.

Com relação à cronologia estabelecida para as manifestações relacionadas a estas Tradições, há ainda muita controvérsia. No caso da T. São Francisco há datações relativas que indicam uma permanência de longa duração, com evidências mais intensas para o Holoceno Médio, entre 8 e 3.000 anos AP (Ribeiro 2008:54), enquanto para a T. Planalto há datações absolutas que indicam a realização dessas pinturas entre 4-3.000 anos AP e datações relativas que ampliam essa cronologia para o início do Holoceno entre 11-7.000 anos AP (Prous 1991). Ou seja, apesar de não haver datas disponíveis para as Lapas Pequena e Pintada ao longo do Holoceno, tanto a continuidade na distribuição estratigráfica dos vestígios nas áreas escavadas quanto a cronologia estabelecida para as Tradições as quais se associam as representações rupestres identificadas nestes abrigos apontam para a possibilidade de uma ocupação continuada desses locais. Por sua vez, a diminuição na frequência dos vestígios e a mesma ausência de datas podem indicar uma variação na intensidade de ocupação e, possivelmente, nas atividades realizadas no interior do abrigo. Já com relação ao período em que esses abrigos se aproximam de uma ou outra região, os dados disponíveis são ainda por demais imprecisos.

Outro elemento que pode reforçar a associação entre a ocupação de Montes Claros as regiões do centro e Norte mineiro, enfatizando um processo extremamente dinâmico no povoamento dessa macro-região envolve a cronologia atualmente disponível. Enquanto a data mais recuada obtida para a ocupação da região de Montes Claros gira em torno de 8.240 AP, para as regiões de Lagoa Santa e Santana do Riacho, essa mesma data marca o início de um longo processo de abandono (com reocupações ao longo do Holoceno Médio no caso de Santana do Riacho e apenas no Holoceno Recente no caso de Lagoa Santa) (ARAÚJO ET AL, 2003). Ao mesmo tempo, apesar de haver evidências de continuidade na ocupação de abrigos da região do vale do Peruaçu ao longo de todo o Holoceno, a partir dos 9.000 anos há indícios de mudanças não só com relação à intensidade dessa ocupação, mas também em aspectos da organização da tecnologia lítica (FOGAÇA 2001; RODET, 2006).

Associando esse conjunto de fatores levantamos a hipótese de correlação entre essas áreas, no sentido de que o abandono de umas leva a ocupação de outras. Ou seja, a proposta é de que no Holoceno Inicial essas três áreas (Lagoa Santa, Serra do Cipó e Montes Claros) fizessem parte de um amplo território, ocupado de forma sincrônica e diacrônica,

marcado por ciclos de rotatividade que definiriam, em diferentes períodos, áreas centrais e periféricas. A hipótese é de que os enterramentos humanos que abundam na região de Lagoa Santa em torno dos 8-8.500 anos AP seriam marcadores ao mesmo tempo da associação e abandono de uma parte desse amplo território e que, após esse abandono, o centro, ou a área de ocupação mais densa tenha se movimentado para o Norte, chegando a atingir a região de Montes Claros e certamente outras áreas, até então pouco ocupadas. A contemporaneidade existente entre as últimas datas de uma região e as primeiras de outra, marcariam incursões exploratórias iniciais a partes do território já conhecidas, mas não ocupadas de forma intensa. A presença de alguns poucos artefatos de sílex nas coleções líticas dos abrigos de Lagoa Santa e Santana do Riacho podem ser indicadores de contatos anteriores e esporádicos com áreas localizadas mais ao Norte, onde as fontes dessa matéria prima são mais frequentes. Embora a região de Montes Claros tenha um registro arqueológico possivelmente denso e diversificado, os dados até agora obtidos não apontam para uma configuração que indique ser esta uma área de ocupação central, mas provavelmente uma área limítrofe, uma área periférica desse amplo território.

Como já mencionamos, a partir dos 7.000 anos AP as evidências apontam para um novo abandono dessa região, muito embora em nenhum dos contextos estudados em Montes Claros tenhamos uma descontinuidade estratigráfica bem marcada. As razões e a intensidade desse abandono são ainda incógnitas, mas certamente a ampliação e intensificação dos trabalhos na área trarão novas luzes a este problema.

Já no que se refere ao período de ocupação mais recente as evidências disponíveis apontam também para uma possível relação com outra área arqueologicamente já conhecida. No entanto, a direção dessa correlação se altera – agora a proximidade parece ser com as ocupações do Norte mineiro. Um dos elementos mais fortes dessa indicação é a presença de estruturas compostas essencialmente por materiais vegetais em abrigos, datadas por volta do ano 1.000 AP. Esse mesmo contexto já foi identificado e documentado em regiões como o vale do Peruaçu, em Unai e também em Diamantina (PROUS 1991; DIAS JR. 1991; ISNARDIS; LINKE, 2007). No entanto, é preciso reforçar que apesar dessas semelhanças, há também variações não só na forma e composição dessas estruturas, como em outros elementos da cultura material, como o lítico e a arte rupestre.

A partir dos dados aqui expostos apresentamos algumas hipóteses sobre a inserção dessa região em uma dinâmica de ocupação do Centro-Norte mineiro ao longo do Holoceno, aproximando os abrigos de Montes Claros do centro mineiro durante o Holoceno Inicial/Médio e do Norte mineiro no Holoceno recente. Nesses dois casos a região de Montes Claros parece ter desempenhado um papel periférico, constituindo uma região limítrofe de ocupações meridionais em um período e setentrionais em outro.

Essas hipóteses preliminares não só devem como serão testadas com a continuidade dos trabalhos na região e têm como objetivo fomentar a construção de um quadro mais dinâmico e processual sobre a ocupação dessa macro-região.

REFERÊNCIAS

- [1] ARAÚJO, A. G.; NEVES, W. A.; PILO, L. B.; ATUI, J.P. Holocene Dryness and Human Occupation in Brazil during the “Archaic Gap”. **Quaternary Research**, vol 64:298-307, 2003.
- [2] ARAÚJO, A. G., PILO, L. B., NEVES, W. A., ATUI, J.P. Human Occupation and Paleoenvironments in South América: Expanding the Notion of an “Archaic Gap”. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 15- 16:3-35, 2005.
- [3] BRADLEY, J. When a Stone toll is a Dingo: country and relatedness in Australian aboriginal notions of landscape. In: DAVID, B. e THOMAS, J. (Ed.) **Handbook of Landscape Archaeology**. Left Coats Press, Walnut Creek, CA, p.633-637, 2008.
- [4] BRYAN, A., GRUHN, R. Results of a test excavation at Lapa Pequena, MG, Brazil. **Arquivos do Museu de História Natural/UFMG**, Vol. III 261-326, 1978.
- [5] BUENO, L. Variabilidade Tecnológica nos sítios líticos da região do Lajeado, médio rio Tocantins. **Revista de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, Suplemento 4, 2007.
- [6] BUENO, L. Organização Tecnológica e Teoria do Design: entre estratégias e características de performances. In BUENO, L.; ISNARDIS, A. (Org.) **Das Pedras aos Homens. Tecnologia Lítica na Arqueologia Brasileira**. Editora Argvmentvma. Belo Horizonte, MG. 2007.
- [7] BUENO, L., BARBOSA, V., GOMES, W. Resgatando Coleções: a Lapa Pequena de Montes Claros revisitada. **Canindé, Revista do Museu de Arqueologia do Xingó**, vol.12: 47-80, 2008.
- [8] CALLEGARI, M. **Ocorrência e significado paleoambiental do Horizonte A húmico em Latossolos**. Tese de Doutorado. Escola Superior de Agricultura Luis de Queirós/USP, Piracicaba, 259p, 2008.
- [9] DIAS JR., O. Desenvolvimento Cultural no Horizonte 9000/4000 Anos AP no Brasil Tropical. **Revista de Arqueologia Americana**, México, N.4, P.55-87, 1991.
- [10] OBRES, M-A. Technology’s Links and Chaînes: the processual unfolding of technique and technician. In: Dobres, M-A. ; Hoffman, C. (Ed.) **The Social Dynamics of Technology**. Smithsonian Institution Press, Washington And London, 1996.
- [11] DOBRES, M-A. **Technology and Social Agency**. Blackwell Publishers, 2000.
- [12] FOGAÇA, E. **Mãos para o Pensamento. A Variabilidade Tecnológica de Indústrias Líticas de Caçadores-Coletores Holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII E ViII da Lapa do Boquete** (Minas Gerais, Brasil – 12.000 / 10.500 B.P.). Tese De Doutorado apresentada ao Programa De Pós-Graduação em História, Área de Concentração: Arqueologia. Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul. Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas, 2001.
- [13] GUIDON, N.A. sequência cultural da área de São Raimundo Nonato, Piauí. **Revista Clio**. N.8:137-144, 1986.
- [14] HAYDEN, B.; FRANCO, N.; SPAFFORD, J. Evaluating Lithic Strategies and Design Criteria. In ODELL, G.(Ed.) **Stone Tools. Theoretical insights into Human Prehistory**. Plenum Press, New York and London, p.9- 50. 1996.
- [15] HILBERT, K. **Organização e uso do espaço de grupos Caçadores-Coletores Pré-Históricos na Grutado Gavião, Serra Dos Carajás (PA)**. Dissertação de mestrado. PUC/RS, 1993.
- [16] INGOLD, T. **The Perception of the Environment**. Essays on Livelihood, Dwelling and Skill. Routledge. London and New York, 2006.
- [17] ISNARDIS, A. **Lapa, Parede, PaineL – Distribuição Geográfica das Unidades Estilísticas de Grafismos Rupestres do Vale do Peruaçu e suas Relações Diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte De Minas Gerais)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade De Filosofia E Ciências Humanas Da Universidade De São Paulo, 2004.
- [18] _____. **Entre as Pedras – As ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais**. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia/USP, São Paulo, 2009.
- [19] ISNARDIS, A.; LINKE, V., PROUS, A. Stylistic Approach of Planalto Tradition Paintings in Central Brazil. In: OOSTERBECK, L. ; RAPOSO, J. (Ed.) **Livre de Resumés XV Congress de la Union Internationale des Sciences Prehistoriques et Protohistoriques**. Vol. II, Lisboa, UISPP: 459, 2006.
- [20] ISNARDIS, A., LINKE, V. **O registro rupestre da Lapa Pintada de Montes Claros**. Relatório do Projeto Tecnologia e Território, 20p. 2008.
- [21] JUNQUEIRA, P. Pinturas e gravações rupestres das Lapas Pequena e Pintada, Município de

- Montes Claros, Minas Gerais. **Arquivos do Museu de História Natural/UFMG**, Vol. III: 327-342, 1978.
- [22] KERN, D.; MARQUES, F.; MAURITY, C.; ATZINGEN, N.O. Potencial Espeleoarqueológico da região de São Geraldo do Araguaia – PA. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia**, Vol 8(2):157-183, 1992.
- [23] KIPNIS, R. Long-Term Land Tenure Systems in Central Brazil. Evolutionary Ecology, Risk-Management, and Social Geography. In: FITZHUGH, B.; HABU, J. (Ed.) **Beyond Foraging and Collecting. Evolutionary Change in Hunter-Gatherer Settlement Systems**. Kluwer Academic/ Plenum Publishers, 2003.
- [24] KNAPP, A.; ASHMORE, W. (Eds.) **Archaeologies of Landscape**. Contemporary Perspectives. Blackwell Publishers, 1999.
- [25] LEDRU, M. P. Late Quaternary environmental and climatic changes in Central Brazil. **Quaternary Research**. 39:90-98, 1993.
- [26] LEMONIER, P. The Study of Material Culture Today: Toward an Anthropology of Technical Systems. **Journal of Anthropological Archaeology**. 5:147-186. 1986.
- [27] LEMONIER, P. **Elements for an Anthropology of Technology**. Michigan, Museum of Anthropological Research (88), University Of Michigan. P.1-24 E 79-103, 1992.
- [28] LINKE, V. **Paisagens dos sítios de pintura rupestre da região de Diamantina – MG**. Dissertação de mestrado, IGC/UFMG, Belo Horizonte. 186p, 2007.
- [29] MAGALHÃES, M. **A Physis da Origem**. O Sentido da História na Amazônia. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 2005.
- [30] MENEZES, R. **Sociedade e Tecnologia Lítica: aspectos de ocupações Pré-Históricas no Município de Varzelândia, Minas Gerais**. Rio de Janeiro: IFCS/UFRJ, Tese de Doutorado em História Social, 1997.
- [31] NELSON, M. The Study of Technological Organization. In SCHIFFER, M. (Ed.) **Archaeological Method and Theory**. Vol.3:57-101. University of Arizona Press, Tucson, 1991.
- [32] NEVES W.A., M.O.R. Hubbe & A.G.M. Araujo A Late-Paleoindian secondary ritual burial from Lagoa Santa, Minas Gerais, Brazil. **Current Research in the Pleistocene**, 19:83-85, 2002.
- [33] NEVES, W.A., A. PROUS, GONZÁLEZ, J.; KIPNIS, R.; POWELL, J.F. Early Holocene Human skeletal remains from Santana do Riacho, Brazil: Implication for the Settlement of the New World. **Journal of Human Evolution**. 45:19-42, 2003.
- [34] PERLÈS, C. In search of lithic strategies: a cognitive approach to prehistoric chipped stone assemblages. In: GARDIN, J.-C.; PEEBLE, C. (Ed.) **Representations in Archaeology**. Indiana University Press. p. 223-247, 1992.
- [35] PFAFFENBERGER, B. Social Anthropology of Technology. **Annual Review of Anthropology**. 21:491-516, 1992.
- [36] PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Ed. UnB. Brasília, 1991.
- [37] PROUS, A. Santana do Riacho – Tomo I. **Arquivos do Museu de História Natural**, V 12, 1991a.
- [38] PROUS, A.; BRITO, M.; LIMA, M. As ocupações ceramistas no vale do rio Peruaçu (MG). **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 4:71-94, 1994.
- [39] PROUS, A. E RIBEIRO, L. Arqueologia do Alto-Médio São Francisco. Tomo I. Região de Montalvânia. **Arquivos do Museu de História Natural/UFMG**, Vol. XVII/XVIII. 1996/97.
- [40] PROUS, A.; SCHLOBACH, M. Sepultamentos pré-históricos do vale do Peruaçu – MG. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, São Paulo, 7:3-21, 1997.
- [41] PROUS, A., BAETA, A.; RUBBIOLLI, E.O **patrimônio arqueológico de Matozinhos: conhecer para proteger**. Editora do Autor, Belo Horizonte. 132p. 2003.
- [42] RIBEIRO, L; **Os significados da similaridade e da diferença entre os estilos de Arte Rupestre –Um Estudo Regional das Gravuras e Pinturas do Alto-Médio Rio São Francisco**. Tese de Doutorado, São Paulo: MAE/USP, 2006.
- [43] _____. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-médio São Francisco). **Revista de Arqueologia**. 21(2):51-72. 2008.
- [44] RODET, M. **J'Etude Technologique des Industries Lithiques Taillées du Nord de Minas Gerais, Brésil- Depuis le Passage Pléistocène/Holocène jusqu'au Contact – XVIII ème Siècle**. Thèse de Doctorat d'université de Paris X, Nanterre, 516p. 2006.
- [45] SEDA, P. **A Caça e a Arte – Os Caçadores-pintores Pré-Históricos da Serra do Cabral, Minas Gerais**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 1998.
- [46] SENE, G.M. **Indicadores de Gênero na Pré-história Brasileira: contexto funerário, simbolismo e diferenciação social. O sítio arqueológico Gruta do Gentio II, Unaí, MG**. Tese de doutorado. Museu de Arqueologia e Etnologia/USP. São Paulo, 2007.

- [47] SCHIFFER, M. B.; SKIBO, J. M. The Explanation of Artifact Variability. **American Antiquity**, 62(1): 27-50, 2007.
- [48] SCHMITZ, P. I. Prehistoric Hunters-gatherers of Brazil. **Journal of World Prehistory**, v.1, n.1:53-125.1987.
- [49] SCHMITZ, P. I, ROSA, A.O.; BITTENCOURT, A.L.V. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central – Serranópolis III**. Instituto Anchietao de Pesquisas – UNISINOS, 2004.
- [50] SCHIMITZ, P. I.; BARBOSA, A. S., JACOBUS, A. L., RIBEIRO, M. B. **Arqueologia nos Cerrados do Brasil Central**, Serranópolis. Antropologia Pesquisas 44.1989.
- [51] SINCLAIR, A. The Technique as a Symbol in Late Glacial Europe. **World Archaeology**, Vol 27(1):50-62, 1995.
- [52] STARK, M. Technical Choices and Social Boundaries in Material Culture: an introduction. In: STARK, M (Ed.) **The Archaeology of Social Boundaries**. Smithsonian Institution Press, Washington, DC.p.1-11, 1998.
- [53] STARK, M.Social Dimensions of Technical Choice in Kalinga Ceramic Traditions. In: Chilton, E.(Ed.) **Material Meanings. Critical Approaches to the Interpretation of Material Culture**. The University Of Utah Press, Salt Lake City, P. 24-43, 1999.
- [54] ORRENCE, R. Hunter-gatherer technology: macro and micro-scale approaches. In: PANTERBRICK,C.; LAYTON, R. (Ed.) **Hunter-gatherers: an interdisciplinary perspective**. Cambridge University Press, Cambridge, p.73-98, 2001.
- [55] VILHENA-VIALOU, A. **A Pré-História do Mato Grosso**. Vol.2, Cidade de Pedra. EDUSP, São Paulo. 2005.
- [56] ZEDEÑO, M.N. Landscape, land use, and the history of territory formation: an example of the Puebloan Southwest. **Journal of Archaeological Method and Theory** 4; 67-103. 1997.
- [57] _____. The Archaeology of Territory and Territoriality. In: DAVID, B. e THOMAS, J. (Ed.) **Handbook of Landscape Archaeology**. Left Coats Press, Walnut Creek, CA, p. 210-217., 2008.

Technology and Territory in north-central mineiro: a case study in the region of Montes Claros, MG, Brazil

Lucas Bueno¹

¹ Laboratory for Interdisciplinary Studies in Archaeology, UFSC.

Abstract Since the middle of 1970's the center-north region of Minas Gerais state has been studied by different researchers, contributing for the construction of knowledge available related to lithic technology and the occupation processes of the Central Brazilian Plateau. In order to contribute to this discussion, we present some results of excavation and analysis of archaeological remains from two rock shelters in Montes Claros region. Based on these data we offer same hypothesis about the dynamic and the occupation processes of this macroregion, articulating Montes Claros region with regions of the central and northern parts of Minas Gerais state in different periods during the Holocene.

Key words: Technology, Territory, Holocene.

Informação sobre o autor

Lucas Bueno (UFSC)

Endereço para correspondência: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima, Trindade. Florianópolis, SC. Brasil. CEP: 88040-900.

E-mail: lucasreisbueno@gmail.com

Link para currículo: <http://lattes.cnpq.br/8685032805425734>

Artigo Recebido em: 13-11-2013

Artigo Aprovado em: 05-12-2013